

2011/10/13

AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS E A GUERRA DE SUPERFÍCIE

Alexandre Rabello de Faria[1] e Marcus de Azevedo Braga[2] (Brasil)

“O máximo de habilidade é subjugar o inimigo sem lutar” Sun Tzu

1. A guerra e o psicológico

Na história das civilizações, a guerra sempre foi um grande ônus a se pagar para se atingir um objetivo essencialmente desejado. O caminho da violência – intrínseca vertente da natureza humana – condiciona a vitória a diversos fatores, dos quais se destaca o motivacional. Influenciar esse fator, incrementando-o em seu favor e minando-o no lado oponente, é uma estratégia conhecida há muito. Sun Tzu, há mais de 2.500 anos, já asseverava que “capturar um exército é melhor que destruí-lo” (1:33). Estrategistas e táticos levam esse ensinamento em consideração ao formular e empreender vias de combate capazes de conquistar a vitória com o menor nível de perda.



Nos tempos atuais, vivemos a efusão da tecnologia e da comunicação, com o mundo na palma da mão, inseridos em uma incessante troca de informações de alcance mundial, que aproxima civilizações, expõe diferenças e “virtualizam” fronteiras. Na chamada “aldeia global” de McLuhan, em particular nas crises e conflitos, os processos decisórios se agilizam e a imprensa, com seus veículos e as suas mídias, tem papel ativo, tornando a opinião pública importante protagonista no jogo de forças reinante.

Como toda ação bélica tem uma dimensão psicológica e sociológica, o conhecimento profundo das características da própria tropa e do inimigo é um trunfo que pode ser essencial nas tomadas de decisão e determinar as ações no nível tático. Afinal, se a vitória pode ser conseguida nas ruas do agredido, a derrota pode também nascer nas do agressor.

2. Conceituação de Operações Psicológicas

Modernamente, uma vertente operativa vem crescendo de importância, onde a redução de danos, o combate não convencional e a opinião pública são elementos a serem considerados, incrementados por uma acessibilidade maior a sistemas de comunicação cada vez mais velozes e portáteis.

As Operações Psicológicas (doravante Op Psico) são o “conjunto de ações de qualquer natureza, destinadas a influir nas emoções, nas atitudes e nas opiniões de um grupo social, com a finalidade de obter comportamentos pré-determinados” (2,1-4). É o uso da comunicação como arma para interferir e destruir o moral do inimigo, para fortalecer a moral da nossa tropa e para influenciar a opinião pública dos contendores e de outros países ao nosso favor. Enfim, é considerar que, a despeito de qualquer sistema tecnológico de combate, por mais moderno que seja, a guerra é um evento feito por pessoas, onde se busca vencer a disputa subjugando a mente sem destruir o corpo do adversário, quebrando-lhe a vontade de lutar, como ensinava SUN TZU, em sua milenar sabedoria.

As Op Psico têm como a base a comunicação. A troca de informações entre pessoas, a globalização do acesso a informação, a velocidade da mensagem e o alcance dos meios de comunicação assumem, nesse tipo de operação, papel fundamental.

3. O navio, o ambiente e as pessoas

Nos componentes militares terrestres, a questão das Op Psico é bem difundida, amadurecida em doutrinas estabelecidas e exaustivamente treinadas e aplicadas, suportada por farta literatura. Mas na guerra de superfície, tendo o mar como ambiente, cada vez mais longe da íris do público e do inimigo, esse tipo de operação teria lugar?

As Op Psico exigem o elemento humano e a interação entre ele e seus pares, quer do mesmo lado ou em lados que se opõem. Em suma, o estabelecimento de algum tipo de comunicação. O navio em combate possui esses elementos, inseridos num ambiente social interno – o próprio navio, influenciável em si mesmo e também pelo ambiente externo, que pode se aproximar do primeiro, por exemplo, em radiações eletromagnéticas.

Imaginemos as seguintes situações em combate: uma publicação, passada de tripulante para tripulante, pode abater o moral da tripulação como um todo? Qual seria o impacto na tripulação do suicídio de um de seus membros? Encontrar algo no mar é sempre fonte de boatos a bordo. O que dizer de uma mensagem desanimadora do inimigo? Hoje, temos receptores de rádio e TV diminutos e de difícil detecção, além do fácil acesso a internet. Temos real controle das informações que são recebidas a bordo pelos tripulantes? Essas e outras questões revelam que o organismo “navio” não é uma ilha. Ele recebe e envia informações, se comunica com o mundo externo e sua tripulação está sujeita a influências que, à revelia das autoridades, podem causar danos com carga ideológica prejudicial, semeando instabilidade emocional, questionando valores, abrindo o caminho à derrota sem combate.

Qualquer conflito tem a sua legitimidade permanentemente questionada, principalmente em um mundo mais informado. No ambiente confinado, informações contraditórias podem gerar reações agressivas e adversas sobre a tripulação. Elas podem fazer parte da estratégia do inimigo.

4. As Op Psico e a guerra de superfície

No contexto estratégico e tático, podemos enumerar diversas ações de Op Psico para utilização na guerra de superfície ou em apoio a ela, trabalhando a lógica de atingir o medo e o anseio coletivo do inimigo, bem como evitando a influência de ações adversas nas três vertentes de ação desse tipo de operação:

4.1. Enfraquecer a vontade de lutar do inimigo

- Veículos áudio: existem, hoje, radiotransmissores via satélite e via WEB de alcance global, onde, com o uso de músicas agradáveis a cultura do inimigo, podem ser inseridas mensagens desencorajadoras nas frequências domésticas usuais. Em um futuro próximo, veículos não tripulados poderão executar essa função, inclusive voltados para alvos no mar.

- Veículos visuais: os mais populares são os panfletos lançados em terreno hostil, divulgando propaganda ideológica. Na Guerra do Iraque, os EUA fazem uso extensivo desse material (4). Tais panfletos podem ser lançados por aeronaves baseadas em terra ou em meios navais. Em regiões costeiras, a instalação de bóias com mensagens visuais, verdadeiros “panfletos no mar”, podem ser utilizados nas rotas usuais de meios inimigos. E em inspeções e visitas a navios mercantes, numa operação de controle de área marítima, por exemplo, a propaganda impressa pode ser distribuída aos navios inspecionados, reforçando idéias de interesse.

4.2. Fortalecimento do moral da tropa

- Símbolos: o uso de bandeiras de faina[3], símbolos no uniforme, gritos de guerra, ícones nos equipamentos são importantes ferramentas de agregação e motivação da tripulação.

- Contrapropaganda: publicações impressas, rádios, televisores portáteis e a Internet devem ser monitorados como tentativa de impedimento de ações de Op Psico do inimigo e de ideologias desmotivantes para a tripulação em combate. No campo da contrapropaganda, um fato a ser considerado é o caráter emotivo e a permeabilidade cultural do povo brasileiro, que pode constituir-se como fator de fraqueza. A distância de casa faz com que aumente a busca de informações de terra, que podem ter diversas origens, gerando-se aí uma oportunidade para ações de Op Psico do inimigo.

4.3. Influenciação da opinião pública

- Imprensa: apesar da campanha no mar ocorrer longe das pessoas em terra, a história das guerras hoje é escrita por jornalistas embutidos em operações de adiestramento e até mesmo nos campos de batalha, acompanhando as tropas e a bordo de meios operativos. O profissional de imprensa deve ser bem assessorado e informado do que está ocorrendo e transmitir, com credibilidade, a notícia com potencial de conformação da opinião pública.

5. Conclusão

Embora pouco explorado, o assunto é vasto e merece ser estudado e validado na prática da guerra de superfície. Pelas características do combate no mar, travados no alcance dos satélites de observação e longe dos olhos inimigos, parece haver uma tendência em julgar que estas operações não se aplicam a este tipo de guerra. Mas se existe elemento humano, gerando e produzindo informações, as Op Psico podem ser aí aplicadas.

As Op Psico realizadas no contexto das operações navais devem guardar harmonia com as operações terrestres a qual estejam associadas. Daí a importância da integração entre as forças.

Para serem efetivas na fase de execução, as Op Psico prescindem de entendimento e coordenação prévios, começando pelo estabelecimento de doutrinas e procedimentos comuns.

As Op Psico não são o elemento essencial do combate, mas um relevante instrumento de apoio, cujo conhecimento pode significar a possibilidade de se vencer – ou de não ser derrotado – sem luta.

Referências Bibliográficas:

1. SUN TZU- A arte da guerra. São Paulo. Editora Paz e Terra . 1999
2. BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro- Operações Psicológicas, Manual de Campanha – C 45-4. 3ª ed. EGGCF. Brasília, Brasil, 2004.
3. BOWDISH,Randall G.-Information-Age Psychological Operations . Military Review, Vol LXXVIII, N.º 06, dezembro 1998 / fevereiro 1999
4. PANFLETOSem <http://www.iwar.org.uk/psyops/resources/iraq/index.htm#>

[1] Oficial da Marinha do Brasil

[2] Ex-Oficial da Marinha do Brasil e Servidor Público Federal

[3] Bandeira com símbolos e figuras de animais que é hasteada no mastro principal dos navios durante manobras e operações, de modo a motivar a tripulação.

26 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/06/18

O DUPLO USO E A COOPERAÇÃO NOS ESPAÇOS MARÍTIMOS[1]

José Afonso Galrito[2]

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/12/05

A PIRATARIA MARÍTIMA NA SOMÁLIA[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/12/04

QUO VADIS ESTRATÉGIA MARÍTIMA EUROPEIA?[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/10/30

O SENHOR MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA E A SALINIDADE DAS ÁGUAS

José Castanho Paes[1]

2011/02/21

MARINHA DE DUPLO USO: UM CONCEITO PÓS-MODERNO DE UTILIZAÇÃO DO PODER MARÍTIMO[1]

Nuno Sardinha Monteiro e António Anjinho Mourinha[2]

2010/07/14

FORÇAS PARA O BEM[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2010/03/14

A SOBERANIA DOS ESTADOS E O MAR - A REALIDADE PORTUGUESA[1]

João Pires Neves[2]

2009/12/05

SÍNTESE GEOPOLÍTICA E GEOSTRATÉGICA DO PODER NAVAL PORTUGUÊS [1]

João Brandão Ferreira

2007/05/06

A GNR E O MAR TERRITORIAL (VERSÃO INTEGRAL DO ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL PÚBLICO DE 5 MAIO)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/20

ESTARÁ A TROPA INGLESA DE BOA SAÚDE?

João Brandão Ferreira

2007/04/14

CONHECIMENTO, USO E CONTROLO DO MAR PORTUGUÊS

José Castanho Paes

2007/01/09

O NAUFRÁGIO [1]

Alexandre Reis Rodrigues

2006/06/01

REEQUIPAMENTO ADIADO

João Ferreira Barbosa

2006/01/17

O EMPREGO DO PODER NAVAL NO SÉCULO XXI

Alexandre Reis Rodrigues

2005/12/28

O QUE SE PODE ESPERAR DA NOVA MARINHA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/09

O MAIOR PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DESDE A 2ª GG

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/27

MÍSSEIS TOMAHAWK PARA A MARINHA ESPANHOLA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/08/04

DE NOVO OS SUBMARINOS

Alexandre Reis Rodrigues

2004/06/03

O NOVO NAVIO PARA OPERAÇÕES NO LITORAL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/21

CARACTERÍSTICAS DAS ESTRUTURAS DAS FORÇAS NAVAIS MULTINACIONAIS

António Silva Ribeiro

2004/01/19

A ESTRATÉGIA NAVAL PORTUGUESA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/01/08

A MARINHA AMERICANA – PLANOS DE NOVAS CONSTRUÇÕES

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/16

A NOVA MARINHA AMERICANA. FICÇÃO OU REALIDADE?

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/31

NOVAS FRAGATAS PARA AS MARINHAS FRANCESA E ITALIANA

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/25

NOVOS PORTA-AVIÕES NA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues